

TERTULIANO: As peripécias da identidade pós-moderna

Edcleberton de Andrade Modesto¹

Aline Costa dos Santos²

RESUMO: Sendo a literatura a representação das ações e transformações humanas, as identidades por ela abordadas se modificam à medida que a sociedade quebra as barreiras existentes a tudo que se opunha ao universo do indivíduo. Refletir a descontinuidade, o desmembramento e a descentralização da identidade do sujeito nostálgico é compreender o homem pós-moderno. A crise de identidade abordada neste trabalho visa compreender, principalmente, as noções que se tinha pelo sujeito moderno, caracterizado por suas utopias totalitárias baseadas na razão e na ciência como excelência para o modelo de indivíduo perfeito. A metodologia é do tipo qualitativa, e quanto aos objetivos é exploratória de autores. Para tanto, teóricos como Bauman (2004), Hall (2011), Eagleton (1998), Harvey (2000), Candido (2005) e Brait (2002), servem de embasamentos para comparar e contrapor os argumentos. É importante ressaltar ainda que este trabalho tendo como análise *O homem duplicado*, de José Saramago, propõe-se a desenvolver uma compreensão acerca da identidade literária, primeiro pela ficção em si, que retrata de maneira fiel o momento atual, e, segundo, por uma escrita crítica quando permite a discussão de sua fundamentação dentro do *corpus* literário. Assim, objetiva-se torná-la inteligível aos acadêmicos do curso de Letras, mas também aos pesquisadores da identidade a partir de personagens da Literatura.

Palavras-chave: Crise de Identidade. Literatura. Pós-Modernidade.

ABSTRACT: Literature represents the human actions and transformations, so the identities which it addresses are changed by it as society breaks down barriers to all that opposed to the universe of the individual. Reflecting the discontinuity, the break up and decentralization of the nostalgic subject's identity and understanding the postmodern man. The identity crisis addressed in this work aims to understand especially the previous notions of the modern man, characterized by his totalitarian utopias based on reason and science as excellence for the model of a perfect individual. The methodology is qualitative, and regarding the goals it's exploratory. Therefore, theorists like Bauman (2004), Hall (2011), Eagleton (1998), Harvey (2000), Candido (2005) and Brait (2002), serve as a basis for comparing and countering arguments. It is also important to note that this work, which has as analysis "O Homem Duplicado" by José Saramago, proposes to develop an understanding of literary identity, first by the fiction itself, which portrays faithfully the present moment, and second by a critical writing as it allows the discussion of its reasoning within the literary *corpus*. Thus, the objective is to make it intelligible to both students of Letters and researchers of identity from the characters of Literature.

Keywords: Identity Crisis. Literature. Post-Modernity.

¹ Mestrando em Teoria da Literatura. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS. Email: edcleberton@gmail.com

² Mestranda em Teoria da Literatura. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS. E-mail: alinecosta.letras@gmail.com

INTRODUÇÃO

Troncos arqueados, cabeça baixa, corpo adornado, caminhado acelerado, falta de sentido e o sentido pleno de vazio. Esta, dentre outras, seria uma das melhores descrições para o sujeito pós-moderno (EAGLETON, 1998). Mas afinal de contas, quem é este homem? O que ele quer? Como chegou aqui? Para onde vai? É bem verdade que o sujeito pós-moderno padece de alguns sintomas nas mais variadas dimensões de sua existência. Devido a esta atmosfera inebriante carregada por uma perspectiva moderna na crença da transformação do mundo através da ciência e da racionalidade, o principal objetivo era usar o acúmulo de conhecimento livre e criativamente em busca de uma emancipação humana e do enriquecimento da vida diária.

Em um caminho deveras particularizado, o sujeito pós-moderno é visto como parte de um processo mais amplo de mudança em que a homogeneização é nada mais que um grito assustado daqueles que estão convencidos de que em um mundo pós-moderno a identidade tornou-se móvel, apresentando fronteiras menos definidas, provocando no indivíduo uma “crise de identidade³”. Mais do que isso: o descentramento do sujeito deve ser entendido não como algo que se buscou e se quis, mas como crise. O próprio conceito toma proporções inimagináveis perante a complexidade que lhe é apresentada, sendo impossível fazer afirmações conclusivas sobre proposições teóricas. Assim

Alguns teóricos acreditam que as identidades modernas estão entrando em colapso, o argumento se desenvolve da seguinte forma. Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe. Gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a idéia que temos de nós mesmos como seres integrados. Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo. Como observa o crítico cultural Kobena Mercer, ‘a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza’ (MERCER *apud* HALL, 2011 p. 43)

³ Termo utilizado por Hall na obra *A identidade cultural na Pós-Modernidade*.

Assim, percebe-se que Hall é interlocutor de Mercer na citação acima, sobretudo quando ele descreve que a perda do sujeito leva-o a ser descentrado. O que se pode observar ainda é que o homem inserido no meio globalizante foi propenso a processos de transformações que atravessaram barreiras, integrando, e conectando comunidades e organizações numa escala global. O resultado disto foi um movimento de distanciamento da ideia de identidade há muito conceituada. A questão que se impõe, então, é a de estabelecer que a (des)ordem incutida pela complexidade do mundo moderno lançou de maneira frenética uma busca à plenitude e realidades cheias de esperanças. No entanto, “a segurança alcançada pela estrita obediência aos padrões estabelecidos é efêmera, e em algum ponto se romperá”. (GIDDENS, 2002, p. 72)

No chamado mundo pós-moderno, não há mais um ponto referencial em torno do qual o sujeito gravita e se constitui firme, mas vários pontos referenciais que não trazem segurança, pelo menos não do ponto de vista anterior, cuja significação era justamente a de uma firmeza estática. Bem mais que o culto ao efêmero, a pós-modernidade deve ser entendida como tempo crítico do homem e de seus referenciais de centro. Assegura-se que um dos fios condutores deste trabalho está fundamentado no fato de que a literatura, em todos os tempos, sempre foi um elemento paralelo à sociedade, na pós-modernidade não seria diferente. E é desse limite indefinido, dessa barreira traspassada, que surge o discurso real-ficcional na narrativa permitindo ao escritor inventar e reinventar o mundo através de suas histórias.

Além disso, a proposta do referido trabalho, não é somente analisar a relação existente entre ficção e realidade, posto que este assunto já foi discutido exaustivamente por vários estudiosos. Sendo assim, a pesquisa em questão procura discutir sobre a importância da personagem de ficção com foco na pós-modernidade, mas também chama a atenção do leitor sobre o caráter singular, artificial e problemático que adquirem a identidade da personagem pós-moderna. O que se objetiva, na realidade, é explicitar a personagem, e como esta relação se manifesta na obra de José Saramago mostrando como este romance parece reunir e representar em si uma série de questões voltadas aos adventos pós-modernos. Para isso, autores como Brait, Reuter, Candido e outros se fazem presentes na discussão e fundamentação. Traçando uma sequência de estudos a partir dos teóricos citados acima chegar-se-á ao final desta discussão, com o intuito de definir pontos

nodais em comum entre os teóricos e a coerência ideologizada a partir das hipóteses de leitura.

DESENVOLVIMENTO

A literatura tem servido de palco para as localizações do sujeito, onde as identidades afloram, permitindo a representação de uma mistura de várias tendências, estilos e gostos, ficando cada vez mais difícil identificar se o que acontece é uma transformação em massa na maneira de se narrar ou predomina a transformação individualizada da forma de representação do *homo-fictus*, vez que este não passa simplesmente de uma personagem fiel à realidade do contexto na qual seu principal mentor, o escritor, se encontra. A preocupação com a análise das personagens de uma obra literária tem sido mote para o desenvolvimento de novas pesquisas, graças principalmente aos trabalhos dos teóricos que têm intensificado as reflexões sobre o comportamento e caminhos desses seres de papel por meio da teoria da identidade. Entretanto, afirma-se que apesar da referida teoria ser ainda necessitada de muitos esclarecimentos, ela torna-se significativa nesse estudo, já que corroborando com Cândido (2010) a arte literária é declaração de uma sociedade, uma vez que ela pode ser representada ficcionalmente.

Ao centrar todas as discussões no romance, a junção teoria e ficção ganha proporções inigualáveis por acreditar que a escrita ficcional, neste caso, de José Saramago, remete a interpelações da atualidade, a pós-modernidade, todas resumidas em uma só: Quem sou eu? O grande problema apresentado pelo narrador, e que será desenvolvido ao longo da narrativa é a descontinuidade, o desmembramento e descentralização da identidade de Tertuliano Maximo Afonso. Além de procurar entabular um diálogo com as personagens deste mesmo romance, que apontam exclusivamente questões identitárias em seu bojo. A partir dessa situação é que personagem e sujeito se confundem no *habitat* pós-moderno e torna-se motivo de discussões, pois se sente deslocado, sem uma identidade fixa, Tertuliano alvo de uma duplicação em que muda todo o destino de sua nostálgica vida torna-se vítima da pós-modernidade.

Em “O homem duplicado” (2002), José Saramago narra a vida de Tertuliano Máximo Afonso, professor de História numa escola de ensino secundário, um sujeito comum, sem muitas expectativas, divorciado, “vive só e aborrece-se, ou para falar com a

exactidão clínica que a actualidade requer, rendeu-se à temporal fraqueza de ânimo ordinariamente conhecida por depressão.” (SARAMAGO, 2002, p.9). Na trama desta narrativa a referida personagem apresenta as máscaras heteróclitas e multifacetadas do sujeito pós-moderno, que entediado, um dia recebe a recomendação de um seu amigo professor de matemática, a sugestão de assistir a fita do filme “Quem porfia mata caça”. Neste, Tertuliano repara exclusivamente numa personagem secundário que mais adiante sabe ser Daniel Santa-Clara, nome artístico do ator António Claro, sendo este uma cópia exata sua. A partir desse momento, o professor dar início a uma busca incessante para saber quem é aquele homem com quem se configura ser seu retrato fiel.

A narrativa na qual Tertuliano Máximo Afonso se encontra deixa um rastro de interrogações, aonde o homem, entre o marasmo e o aborrecimento, vai a cada passo distanciando-se ainda mais do seu eu, da despersonalização, da perda de si, daquilo que se acreditava ser. Sob essa perspectiva, Candido (2005) debruça-se pela relação existente entre a complexidade da personagem e a pessoa viva, mostrando o quão este pode constituir-se esférica, a cada mudança de seu ser, a capacidade de surpreender seu leitor. Torna-se conhecimento deste também que as condições nas quais Tertuliano Máximo Afonso vive propiciaram a ele está passando por esta situação, por isso

É a altura de informar aqueles leitores que, ajuizado pelo carácter mais que sucinto das descrições urbanas feita até agora, tenham criado no seu espírito a ideia de que tudo isto se está a passar numa cidade de tamanho mediano, isto é, abaixo do milhão de habitantes, é a altura de informar, dizíamos, que, muito pelo contrário, este professor Tertuliano Máximo Afonso é um dos cinco milhões e pico de seres humanos que, com diferenças importantes de bem-estar e outras sem a menor possibilidade de mútuas comparações, vivem na gigantesca metrópole que se estende pelo que antigamente haviam sido montes, vales e planícies, e agora é uma sucessiva duplicação horizontal e vertical de um labirinto, de começo agravada por componentes que designaremos por diagonais, mas que, no entanto, com o decorrer do tempo, se revelaram até certo ponto equilibradores da caótica malha urbana, pois estabeleceram linhas de fronteiras que, paradoxalmente, em lugar de terem separado, aproximaram. (SARAMAGO, 2002, p. 71)

A afirmativa e também crítica feita por Tertuliano permite enveredar e expor as deficiências da realidade, que “organizada” em torno de um conceito de qualidade de vida, não contém ou rejeita explicitamente a ideia de um estado final desconhecido em que

Cada segundo que passa é como uma porta que se abre para deixar entrar o que ainda não sucedeu, isso a que damos o nome de futuro, porém, desafiando a contradição com o que acabou de ser dito, talvez a ideia correcta seja a de que o futuro é somente um imenso vazio, a de que o futuro não é mais que o tempo de que o eterno presente se alimenta. (SARAMAGO, 2002, p. 211)

A identidade do ser humano passa a ser um tema abordado com mais frequência e intensidade na literatura, falando de um indivíduo que perdeu o sustentáculo, adequado à angústia da incerteza. O que se dá pela relação intrínseca com outros temas, a saber, o niilismo, a nostalgia permanente do sujeito pós-moderno. No início do romance podem-se encontrar impressões de elementos capazes de inúmeras assertivas perante as intenções muito bem definidas que Saramago dá a Tertuliano Máximo Afonso. A primeira delas foi a questão do nome, “o nome é sempre a primeira coisa porque imaginamos que essa é a porta por onde se entra.” (SARAMAGO, 2002, p. 24) problematizando a definição do sujeito ou inexistência desta.

Tal atitude define a ansiedade existencial na qual se equivale à identidade. Assim sendo, Tertuliano Máximo Afonso mais na frente explicita em conversa com o colega professor de matemática e diz: “às vezes tenho a impressão de não saber exactamente o que sou, sei quem sou, mas não o que sou” (Idem, Ibidem, p.65). Quando ele afirma que não sabe exactamente o que é, o que significa, na verdade, que não sabe quem é, apesar de afirmar sabê-lo, e essa problemática nasce, em parte, da questão do nome. Uma vez que a inteireza da personagem se desfaz quando o nome completo não se refere ao conhecimento do homem em questão, mas o sobrepõe.

O nome Tertuliano Máximo Afonso sugere uma conotação de alguém poderoso, definido como pessoa. Portanto, há indícios de que o personagem de Saramago apresentará ações meritórias, de destaque ao longo do texto. Porém, logo no início do romance, primeiro ele observa as piadas com seu nome, as ironias, depois se enxerga um homem que está em busca de algo, o que se configura uma inquietação interior. Talvez ele, um professor de História ignorado em suas opiniões na escola, anda em busca de uma sensibilidade esquecida em meio à humanidade repleta de respostas prontas. Por isso, ao pensar nesta personagem, tem-se inicialmente, por fato, sua atual condição ou condição permanente: o aborrecimento, depressão ou marasmo em que vive. Marcas tipicamente niilista do sujeito pós-moderno.

Para temperamentos nostálgicos, em geral quebradiços, pouco flexíveis, viver sozinho é um duríssimo castigo, mas uma tal situação, reconheça-se, ainda que penosa, só muito de longe em longe desemboca em drama convulsivo, daqueles de arrepiar as carnes e o cabelo. (SARAMAGO, 2002, p. 10)

Somada à diegese da narrativa dessa circunstância nada estranha, o que se pode observar é que, o homem transformado em coisa, é vítima do tédio, caracterizado pela indiferença à vida, demarcando “gemidos irreprimíveis de uma dor antiga, como uma cicatriz que de repente se tivesse feito lembrar” (SARAMAGO, 2002, p. 11).

São as incertezas concentradas na *identidade individual*, em sua construção nunca completa e em seu sempre tentado desmantelamento com o fim de reconstruir-se, que assombram os homens e mulheres modernas, deixando pouco espaço e tempo para as inquietações que precedem da insegurança *ontológica*. É nesta vida, neste lado do ser (se é que absolutamente há outro lado), que a insegurança existencial está entricheirada, fere mais e precisa ser tratada. Ao contrário da insegurança ontológica, a incerteza concentrada na identidade não precisa nem das benesses do paraíso, nem da vara do inferno para causar insônia. Está tudo ao redor, saliente e tangível, tudo sobressaindo demais nas habilidades rapidamente envelhedoras e abruptamente desvalorizadas, em laços humanos assumidos até segunda ordem, em empregos que podem ser subtraídos sem *qualquer* aviso, e nos sempre novos atrativos da festa do consumidor, cada um prometendo tipos de felicidade não experimentados, enquanto apagam o brilho dos já experimentados. (BAUMAN, 1998, p. 221)

A isso, Bauman (2009) caracteriza como um momento de render-se às pressões da globalização, que nos dias de hoje, tende a ser uma reivindicação em nome da autonomia individual e da liberdade de autoafirmação. Para as vítimas dos efeitos colaterais da globalização, porém, mais liberdade não parece ser a cura de seus problemas, elas prefeririam antes encontrá-la no desmoronamento ou no desmantelamento forçado das rotinas da vida e das redes de vínculos humanos e compromissos mútuos que costumavam apoiá-las e fazê-las sentirem-se seguras. Portanto, pode-se pensar, como Bauman (2005), na identidade como um grande jogo de quebra-cabeças, o qual cabe a nós tentar (re)montar, tendo consciência de que a imagem jamais se completará, pois haverá sempre lacunas na qual peça alguma será possível de encaixar. Não veremos o desenho completo. Junto com a globalização, à qual o “espaço-tempo” mostra a aproximação dos “mundos”, a

identidade se faz híbrida e multifacetada. Quando Tertuliano está a conversar com o professor de matemática, este lhe diz parecer abatido

É verdade, tenho andado um pouco em baixo, Problemas de saúde, Não creio, tanto quanto posso saber não estou doente, o que sucede é que tudo me cansa e aborrece, esta maldita rotina, esta repetição, este marcar passo [...] (SARAMAGO, 2002, p. 13)

Dono de uma rotina inflexível no início da obra, a personagem em questão vive do trabalho para casa e vice-versa como se “a carreira e o trabalho quem têm a mim, não eu a eles [...]” (SARAMAGO, 2002, p. 14) Em resposta, o temperamento parece ser uma constância não apenas individual, mas de uma coletividade, “o que por aí mais se vê, a ponto de já não causar surpresa, é pessoas a sofrerem com paciência o muidinho escrutínio da solidão [...]” (Idem, Ibidem, p. 10). O marasmo, ou melhor, a depressão, como o próprio prefere, na qual Tertuliano Máximo Afonso vive, parece ser consequência, dentre outros fatos, desse não conhecimento de si mesmo. Entretanto, não possível, a partir do que acabara de ser explicitado, definir o sujeito individual de um sentido assegurado de seu lugar no mundo, assim “se eu pudesse sair da minha cabeça, eu conseguiria saber se existe alguma coisa lá fora. Se fosse provável eu sair de trás das paredes do meu corpo, eu conseguiria encarar o mundo de frente.” (EAGLETON, 1998, p. 21)

Para Eagleton (1998) a vontade de todo ser humano, um ser que procura fora de si aquilo que somente poderá ser encontrado nele mesmo num pairar além da existência, seria em outras palavras, uma forma de atuar de uma nova maneira ou maneira diferente, experimentando a diferenciação ou a tão divulgada liberdade, que desde a modernidade representou um excesso de meios sobre os fins, com habilidades e recursos sempre correndo à frente dos objetivos, e febrilmente buscando seus próprios usos. Logo, a insegurança existencial viabiliza um desmoronamento físico e moral, onde os problemas se aglomeram e as soluções não existem. A falta e o vazio, expressões do caos e da desordem interiores, delineiam-se como ausência de si mesmo, como profunda carência de humanidade. Estes sentimentos se intensificam em Tertuliano Máximo Afonso, principalmente, quando por distração está a assistir a um filme sugerido pelo colega professor de matemática, Quem porfia mata caça, e se percebe idêntico a um ator

secundário. A partir daí, surge a indagação, em Tertuliano, a respeito de quem poderia ser ele, e quem seria aquele a que se parece tanto.

É difícil considerar estranha uma pessoa que é igual a mim, Deixa-o continuar a ser o que foi até agora, um desconhecido, Sim, mas estranho nunca poderá ser, Estranhos somos todos, até nós que aqui estamos [...] (SARAMAGO, 2002, p. 32)

Partindo do enfoque da identidade, Saramago põe sua personagem numa transitoriedade confusa, a refletir sobre se há algo em comum entre eles, e indagar, Quem é esse homem do filme? Qual o seu nome? Como ninguém reparou em tal semelhança? O professor então decide sobre a necessidade de encontrá-lo, apesar do perigo que isso representa. O homem duplicado (2002) ao apresentar algumas das perplexidades do mundo pós-moderno, prioriza a aflição do sujeito não somente quanto às questões materiais, acima disso o se sentir vazio e aborrecido com tudo. Entre os diversos sentimentos experimentados pela personagem, há ainda a relação que se alterna entre a amizade e amor de Tertuliano Máximo Afonso e Maria da Paz. A vida solitária de Tertuliano o fez acostumar a essa condição

O seu divórcio, por exemplo, não foi uma daquelas coisas clássicas, de faca, açougue e alguidar, com traições, abandonos ou violências, foi antes o remate de um processo de definhamento contínuo do seu próprio sentimento amoroso, que a ele, por distração ou indiferença, talvez não lhe importasse ficar a ver até que áridos desertos poderia chegar, mas que a mulher com quem estava casado, mais recta e inteira que ele, acabou por considerar insuportável e inadmissível. (SARAMAGO, 2002, p. 63)

Como consta na citação acima, retirada do romance, Tertuliano, por uma indiferença sentimental, entrou numa relação mesmo sem existir o elemento fundamental à permanência desta: o amor. O compromisso com outra pessoa, em particular o compromisso incondicional e certamente aquele do tipo “até que a morte nos separe”, na alegria e na tristeza, na riqueza ou na pobreza, parece cada vez mais uma armadilha que se deve evitar a todo custo. E não é somente o professor de história que vive na solidão, várias outras personagens no romance vêm também ilustrar esse novo modo de viver construído e instaurado pela vida pós-moderna. As três mulheres principais que aparecem na história, Maria da Paz, Helena e Carolina Máximo são personagens que possuem um discurso em

tom solitário, melancólico, que ultrapassa a mera condição física de viver só, o que não é o caso para as duas primeiras.

Bauman (2004) afirmou que o relacionamento na pós-modernidade, tende a ser uma troca na qual se entra pelo que cada um pode ganhar e continua apenas enquanto ambas as partes imaginem que estão proporcionando a cada uma, satisfações suficientes para permanecerem na relação. O meio literário no qual este romance se realiza, sendo rico de questões, é também o espaço para as personagens refletirem seus fundamentos e razões ampliando a compreensão desta época ou estilo em que se encontra o texto de José Saramago. O homem duplicado (2002) atinge um estágio no qual a liberdade do indivíduo em ser aquilo que pensava passa a ser questionada. É de consentimento apontar o sujeito pós-moderno eivado pelo transitório, mutável e duvidoso, não possuindo uma forma fixa, essencial ou permanente. Todavia, isto não é satisfatório para o entendimento do homo-fictus. Inferir o mundo literário habitado pelo ente fictício é, além disso, vê-lo procurar se ver enquanto uno em um mundo contrário a esta ideia. Como se fosse duas faces da mesma moeda, as personagens apresentam emoções plurais como o sentimento de dúvida, incredulidade, “o que é simples é a indecisão, a incerteza, a irresolução” (SARAMAGO, 2002, p.32).

Ao ler a obra, O homem duplicado, observa-se o quão é marcante o homem que servira de matéria, que Saramago indicia a exploração da diferença na singularidade de um ser que o romance lapida em clima de Pós-modernidade. Vida pós-moderna, homem pós-moderno sem eixo, de movimentos desencontrados, ofuscante para si mesmo e ao outro, é surpresa por trás de outra, envernizada de previsibilidade. Homens elevados à potência de ruína iminente, António e Tertuliano não habitam no mundo das explicações, ao contrário, estão na ausência delas. É nesta perspectiva que o homem do romance se localiza, visando não ser cópia, nem espelho ambulante, e sim retratar as faces de um homem que encarnado em personagem é alvo das artimanhas que uma narrativa pós-moderna lhe determinou.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A concepção de que a Literatura oferece uma leitura do sujeito pós-moderno permite a empreitada desta pesquisa, que engajada na personagem ficcional como matéria-

prima apoia e sustenta todas as discussões feitas até o presente momento. Muito foi dito por Hall (2002) acerca da identidade do sujeito pós-moderno: o sujeito que se adapta e está em constante deslocamento e descentramento, aquele que se percebe diferente, mas que integra à sua identidade fragmentos do outro, tornando-se híbrido. Um homem cuja identidade é algo construído no convívio com o outro, pela interação, ou seja, é não essencialista. Brait (2002) *apud* Foster (1949) estabelece as características das personagens, identifica e reconhece, mesmo que de maneira difusa, que estas devem dar a impressão que vivem, como um ser vivo. Sendo assim, é paradoxalmente intensa a aparência de realidade que revela a intenção ficcional ou mimética dando lógica à veracidade, coerência e causalidade dos eventos constituindo a verossimilhança do mundo imaginário. Na verdade, o romance pós-moderno traz o azedume⁴ de uma realidade efêmera, devido a fatores semelhantes que o mundo humano possui, causando ao leitor a caracterização de uma época e dos indivíduos que nele habitam. Essas considerações visam a mostrar que a personagem será o ser vivo na narrativa, a parte mais real da história, podendo variar relativamente.

A personagem pós-moderna procurou aumentar sucessivamente o sentimento de dificuldade do ser fictício, diminuir a ideia fixa de esquema, de delimitação. Portanto,

[...] na vida, a visão fragmentária é imanente à nossa própria experiência; é uma condição que não estabelecemos, mas a que nos submetemos. No romance, ela é criada, é estabelecida e racionalmente dirigida pelo escritor, que delimita e encerra, numa estrutura elaborada, a aventura sem fim que é, na vida, o conhecimento do outro. Daí a necessária simplificação, que pode consistir numa escolha de gestos, de frases, de objetos significativos, marcando a personagem para a identificação do leitor, sem com isso diminuir a impressão de complexidade e riqueza. (CANDIDO, 2005, p. 58)

Sendo consciente desta assertiva, o que marca a narrativa pós-moderna é a preocupação com a distribuição de informações que se pode dispor sobre o passado em presentes possíveis. Cabendo à literatura criar, partindo do material bruto da existência real, um mundo atento às variações e criações mais inexplicáveis e fantásticas deixando muitas vezes o leitor se questionando de onde o artista, criador, retirou tal ideia. O meio literário no qual este romance se realiza, sendo rico de questões, é também o espaço para

⁴ Azedume aqui faz alusão às transformações que ocorreram no estilo de escrita. No subtópico 3.3 deste capítulo este assunto será abordado.

as personagens refletirem seus fundamentos e razões ampliando a compreensão desta época ou estilo que encontra-se no texto de José Saramago. *O homem duplicado* (2002) atinge um estágio no qual a liberdade do indivíduo em ser aquilo que pensava passa a ser questionada.

É dessa forma que a personagem Tertuliano Máximo Afonso, além de apresentar semelhanças entre si, por terem entre outros aspectos relevantes, a tendência ao pessimismo, marca do sujeito pós-moderno; possuem traços igualmente colocados sob o questionamento dentro da pós-modernidade. Tais questionamentos se destacam, neste propósito, quando ao se especular o sentido da vida e do estar nela, Tertuliano, como bom personagem que é, retrata de maneira fiel, a nostalgia, o marasmo e todas as mazelas da pós-modernidade. Em *O homem duplicado* (2002), Saramago coloca o homem em sua ficção a se perguntar quem é; atuando como uma espécie de provocação à racionalidade que a modernidade inculcou. Do ponto de vista teórico, a pós-modernidade não surgiu como uma nova era, e sim como consequência da modernidade e suas utopias.

A certidão da incerteza configura a personagem de ficção proporcionando a interpretação do vazio cercado com o nada a construir uma identidade diferente de todas as outras. Nesta indefinição e indeterminação, é que Saramago dá vida às suas personagens, transitando entre as escolhas e heterogeneidades de uma crise permanente de identidade.

José Saramago demonstra em sua obra que o fazer literário não pode prescindir do momento histórico, dos problemas da vida. Sendo consciente disso, procura despertar a consciência para os problemas existenciais, sociológicos, filosóficos e econômicos, de que a literatura pode ser um importante instrumento de conscientização dos homens: libertação da humanidade. Em resumo, tentou-se mediante o desenvolvimento, despertar os olhos dos estudantes e professores para o escritor português, ao demonstrar num estilo próprio da escrita de José Saramago trazendo uma vastidão na qual é possível perceber as diversas formas de representação de uma personagem de ficção. Pois, suas personagens evidenciam a crise de identidade e o niilismo. Diante disso, faz-se relevante para as pesquisas acadêmicas.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro. Editora Zahar. 2004.

_____. Identidade. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro. Zahar, 2005.

_____. Modernidade Líquida. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro. Editora Zahar. 2001.

_____. O Mal-Estar da Pós-Modernidade. Trad. Mauro Gama, Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro. Editora Jorge Zahar. 1998.

BRAIT, Beth. A Personagem. São Paulo. Editora Ática. 7. ed. 3. impressão. 2002.

CANDIDO, Antonio; et al. A personagem de ficção. 11.ed. São Paulo. Editora perspectiva, 2005.

EAGLETON, Terry. As ilusões do pós-modernismo. Trad. Elisabeth Barbosa. Rio de Janeiro. Zahar. 1998.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Trad. Tomaz tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. 1.reimp. Rio de Janeiro. Editora DP&A. 2011.

HARVEY, David. Condição Pós-Moderna: Uma Pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural. 22.ed. Edições Loyola. 2012.

SANTOS, Jair Ferreira dos. O que é Pós-Moderno. Editora Brasiliense. Coleção Primeiros passos, 165. São Paulo. 2000.

SANTIAGO, Silviano. Nas malhas da letra: Ensaios. São Paulo. Companhia das Letras. 1989.

SARAMAGO, José. O Homem Duplicado. Companhia das Letras. São Paulo. 2002.